

Diálogos

ISSN 2177-2940



Resignificações da figura de Cabralzinho por meio da educação formal e não-formal no município de Amapá/AP

[doi https://doi.org/10.4025/dialogos.v30i1.78201](https://doi.org/10.4025/dialogos.v30i1.78201)

Jonathan Viana da Silva

[ID http://orcid.org/0000-0002-5580-2452](http://orcid.org/0000-0002-5580-2452)

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Macapá-AP, BR

E-mail: jonathan.viana@unifap.br

Ana María Sosa González

[ID http://orcid.org/0000-0001-7249-4618](http://orcid.org/0000-0001-7249-4618)

Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pelotas-RS, BR

E-mail: anasosagonzalez@gmail.com

Reinterpretations of the figure of Cabralzinho through formal and non-formal education in the municipality of Amapá/AP

Abstract: This article analyzes the reinterpretation of the figure of Francisco Xavier da Veiga Cabral (Cabralzinho) through formal and non-formal educational practices in the municipality of Amapá, Brazil. The study discusses how the heroic narrative attributed to this historical character is constructed, transmitted, and updated both in schools—through curricula, pedagogical projects, and events—and in public manifestations such as the Cabralzinho Race and Cabralzinho Day. Based on the theoretical contributions of Maurice Halbwachs, José Murilo de Carvalho, and Pierre Nora, the research demonstrates that the collective memory of Cabralzinho results from a dynamic process involving disputes over meaning, symbolic negotiations, and the active participation of the local community. It is concluded that the integration between formal and non-formal education enhances the transmission and transformation of historical narratives, strengthening the identity and sense of belonging among the inhabitants of the municipality.

Key words: Cabralzinho; memory; formal and non-formal education; local identity.

Reinterpretaciones de la figura de Cabralzinho a través de la educación formal y no formal en el municipio de Amapá/AP

Resumen: El artículo analiza la resignificación de la figura de Francisco Xavier da Veiga Cabral (Cabralzinho) por medio de prácticas educativas formales y no-formales en el municipio de Amapá/AP. La investigación discute como la narrativa heroica de ese personaje es construida, transmitida y actualizada tanto en las escuelas, por medio de contenidos curriculares, proyectos pedagógicos y eventos variados, cuanto en manifestaciones públicas, como la Corrida de Cabralzinho y el Día de Cabralzinho. Basado en autores como Maurice Halbwachs, José Murilo de Carvalho y Pierre Nora, el estudio evidencia que la memoria colectiva sobre Cabralzinho es resultado de un proceso dinámico, que envuelve disputas de sentidos, negociaciones simbólicas y participación activa de la comunidad local. Se concluye que la integración entre educación formal y no-formal potencializa la transmisión y transformación de las narrativas históricas, fortaleciendo la identidad y el sentimiento de pertenencia de los habitantes del municipio.

Palabras clave: Cabralzinho; memoria; educación formal e informal; identidad local.

Ressignificações da figura de Cabralzinho por meio da educação formal e não-formal no município de Amapá/AP

Resumo: O artigo analisa a ressignificação da figura de Francisco Xavier da Veiga Cabral (Cabralzinho) por meio de práticas educativas formais e não-formais no município de Amapá/AP. A pesquisa discute como a narrativa heroica desse personagem é construída, transmitida e atualizada tanto nas escolas, por meio de conteúdos curriculares, projetos pedagógicos e eventos, quanto em manifestações públicas, como a Corrida de Cabralzinho e o Dia de Cabralzinho. Fundamentado em autores como Maurice Halbwachs, José Murilo de Carvalho e Pierre Nora, o estudo evidencia que a memória coletiva sobre Cabralzinho é resultado de um processo dinâmico, que envolve disputas de sentidos, negociações simbólicas e participação ativa da comunidade local. Conclui-se que a integração entre educação formal e não-formal potencializa a transmissão e transformação das narrativas históricas, fortalecendo a identidade e o sentimento de pertencimento dos moradores do município.

Palavras-chave: Cabralzinho; memória; educação formal e não-formal; identidade local.

Recebido em: 31/07/2025

Aprovado em: 24/10/2025

A história regional do estado do Amapá guarda episódios marcantes que influenciam diretamente a construção da memória coletiva de seus habitantes. Entre esses episódios, o Contestado Franco-brasileiro, ocorrido no final do século XIX, destaca-se não apenas pelo conflito armado, mas pela atuação de Francisco Xavier da Veiga Cabral, o Cabralzinho (1861-1905). Reconhecido por parte da população como herói local, ele se tornou símbolo da resistência e da afirmação da soberania brasileira na região, projetando sua figura além dos limites do confronto militar.

A trajetória de Cabralzinho e a própria disputa pelo território do Amapá foram ressignificadas ao longo do tempo, especialmente no contexto das práticas educativas formais e não-formais do município. Escolas, projetos pedagógicos, eventos públicos e manifestações culturais passaram a incorporar a narrativa heroica desse personagem em diferentes momentos e linguagens, promovendo sua presença constante na vida social e no imaginário amapaense.

Esse processo de ressignificação da figura de Cabralzinho evidencia o papel ativo da educação dentro e fora do ambiente escolar na seleção, comunicação e atualização de símbolos e referências do passado. Como mediadora da educação e da cultura, a escola contribui para a naturalização de certas versões sobre o conflito e seus protagonistas, reforçando valores de pertencimento e identidade local. Do mesmo modo, eventos como o Dia de Cabralzinho, a Corrida de Cabralzinho e outras celebrações locais funcionam como espaços privilegiados de construção e disputa de sentidos, nos quais a memória coletiva é continuamente atualizada.

O presente artigo tem como objetivo analisar de que maneira a figura de Cabralzinho vem sendo ressignificada por meio das práticas educativas formais e não-formais no município de Amapá/AP. Busca-se compreender como a narrativa heroica atribuída a esse personagem é reproduzida, apropriada e transformada nas escolas, em projetos culturais, comemorações, eventos cívicos e rituais públicos. Para isso, utiliza-se como referências os aportes teóricos de Maurice Halbwachs (1990), Jörn Rüsen (2001), José Murilo de Carvalho (2009), Pierre Nora (1984; 1993),

Joel Candau (2011), Jacques Le Goff (1990) e pesquisadores regionais, tais como Silvio Meira (1975; 1989), José Sarney; Pedro Costa (1999), Adalberto Paz (2017), Osvaldino Raiol (1992) e Francinete Cardoso (2008).

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com análise de documentos, pesquisa *in loco* na comunidade, com observação não-participante de práticas escolares e eventos públicos realizados no município de Amapá/AP nos últimos anos, registro e coleta de imagens e materiais diversos junto à comunidade, em especial com professores da Escola Estadual Maria Esmeralda Martins de Moura e Escola Estadual Vidal de Negreiros localizadas no município de Amapá/AP, com grupos de alunos e séries diversas que participaram de atividades/competições estudantis dentro e fora da escola. O intuito é evidenciar como a memória de Cabralzinho se faz presente, como é atualizada e disputada, e quais os efeitos dessa dinâmica para a formação identitária dos sujeitos, assim como para a compreensão do passado local.

Ao analisar o papel da educação formal e não-formal na ressignificação da figura de Cabralzinho, este estudo espera contribuir para a compreensão dos processos de construção da memória social em contextos regionais e fronteiriços, como é o caso de Amapá/AP, demonstrando como diferentes agentes sociais participam ativamente da elaboração, circulação das narrativas históricas e sentido ao presente.

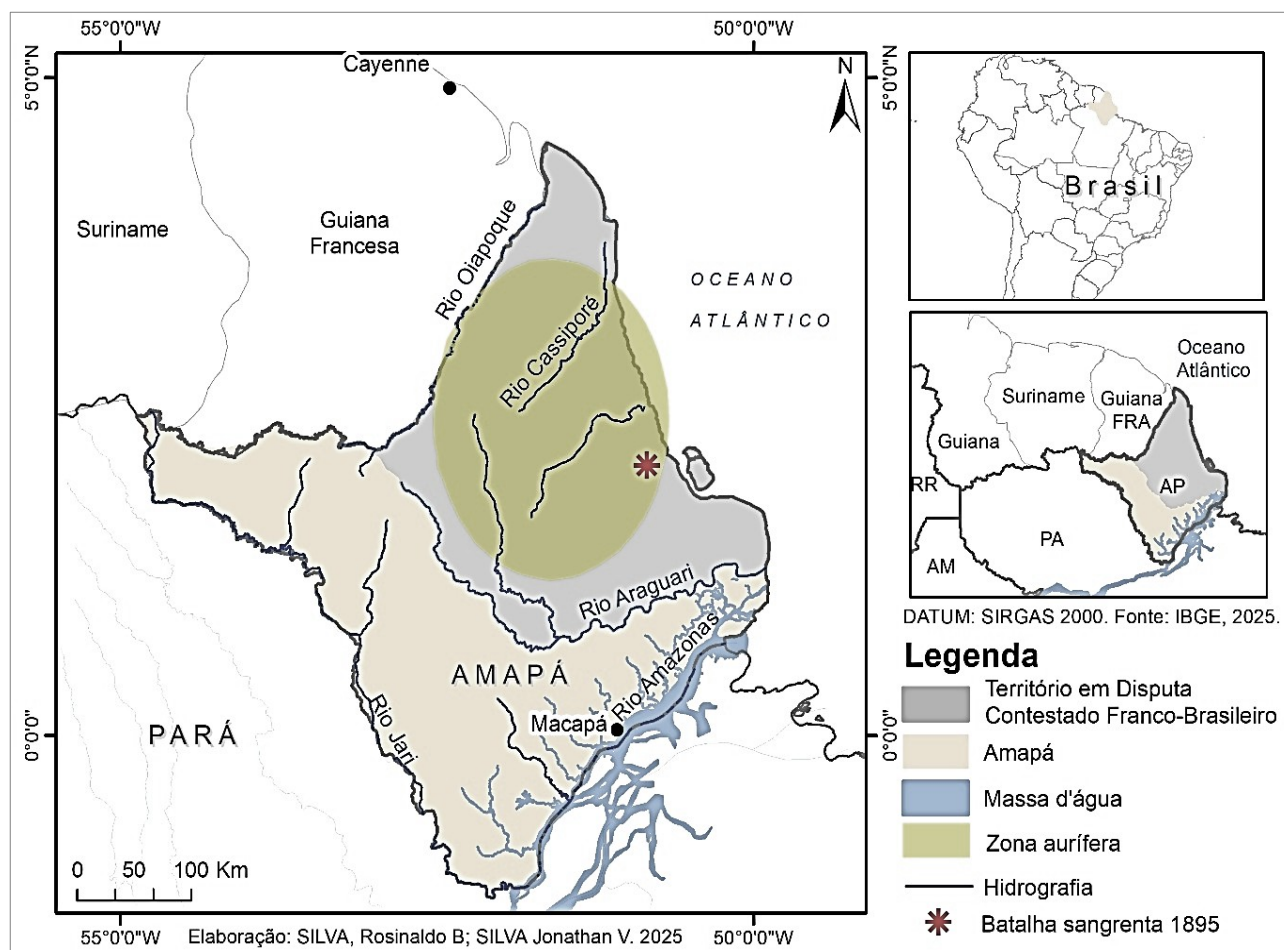
O Contestado Franco-brasileiro e a atuação de Cabralzinho

O Contestado Franco-brasileiro, ocorrido na região do atual estado do Amapá, constitui um capítulo relevante na história das disputas territoriais na América do Sul. Este conflito, que se desenrolou entre os séculos XIX e XX, envolveu o Brasil e a França em uma disputa pelo controle de uma área rica em recursos naturais, localizada entre os rios Oiapoque e Araguari.

O início das hostilidades pode ser identificado desde o Tratado de Utrecht de 1713, que estabeleceu os limites entre as possessões francesas na região das Guianas e as terras portuguesas no norte do Brasil. No entanto, a delimitação imprecisa e a ausência de uma demarcação clara fomentaram ambiguidades que perduraram por mais de um século. Com o advento da independência do Brasil em 1822, as tensões foram reavivadas, uma vez que o novo estado-nação buscava afirmar sua soberania sobre todos os territórios anteriormente controlados por Portugal.

A questão do Contestado Franco-brasileiro ganhou um novo impulso no final do século XIX, quando ocorreu a descoberta de jazidas auríferas na região do atual Estado do Amapá em uma grande extensão de terras contestadas, conforme destaca a figura 1, o que intensificou a disputa, por isso, a presença de riquezas naturais atraiu não apenas colonos brasileiros, mas também interesse internacional, aumentando a tensão na região (Meira, 1975; 1989).

Figura 1 — Zona Aurífera - Contestado Franco-brasileiro, Amapá, Brasil, 1895.



Fonte: Fonte: GRANGER, Stéphane, 2012. IBGE, 2025. Elaboração: SILVA, Jonathan V.; SILVA, Rosinaldo B. 2025

Nesse intento, cabe mencionar a figura de Francisco Xavier da Veiga Cabral, mais conhecido como Cabralzinho. Personagem que requereu papel crucial no conflito ocorrido em 15 de maio de 1895, entre moradores locais e tropas francesas na vila do Espírito Santo do Amapá. Com intenções polêmicas, mas com atitudes significativas durante o período que esteve na região contestada, passou a ser lembrado por alguns como um herói regional pela sua determinação e coragem em defesa do território brasileiro, e apontado por outros como um personagem controverso que objetivava interesses particulares¹ (Silva; Silva, 2012).

Veiga Cabral, paraense, era comerciante e com influência na política local, era um líder local no Contestado Franco-brasileiro, com forte atuação e possuía um profundo conhecimento da

¹Reis (1949; 1968) e Meira (1979) apontaram a atuação de Veiga Cabral junto à região como importante e significativa na defesa das terras contestadas e em favor aos interesses do governo brasileiro e seus nacionais, de modo a impedir a expansão das pretensões francesas locais. Em paralelo a isso, de acordo com Raiol (1992) e Cardoso (2008), Cabralzinho administrava a vila de Amapá e os rios paralelos, com rigidez e interesses particulares, inclusive demarcando alguns locais como sua propriedade na finalidade de extração aurífera.

região do Amapá. Sua participação no conflito de 15 de maio de 1895, marcou um episódio que se tornou emblemático na luta pela soberania brasileira na região.

Naquele período, a presença francesa na região contestada se intensificava, com incursões militares e a fundação de postos avançados que visavam consolidar a reivindicação francesa sobre o território, inclusive, incentivando (não oficialmente) seus nacionais a povoarem a região (Sarney; Costa, 1999). Paralelamente a isso, o governo paraense, sem o conhecimento do governo federal, também interagiu com os moradores locais de modo a influenciar na reorganização política do território contestado, ao ponto que “diversos funcionários foram contratados, incluindo prefeitos e subprefeitos de polícia, professores e delegados de higiene, com ordenados pagos pelos cofres do estado” (Paz, 2017, p. 253).

Em 15 de maio de 1895, a comunidade de Amapá não acatou a tentativa dos militares franceses em levar Veiga Cabral sob custódia para dar explicações em *Caiena*, quanto a denúncias de que por sua determinação os nacionais franceses estavam sendo impedidos em entrar na região (Reis, 1949). Assim, as forças de Cabralzinho enfrentaram os franceses em um embate feroz, que apesar da falta de armamento adequado para repelir os militares franceses, utilizaram seu limitado poder de fogo e o conhecimento do terreno para infligir significativas baixas aos invasores (Meira, 1975). Dessa forma, durante o confronto, o capitão Lunier (militar francês responsável na operação) foi ferido gravemente e acabou falecendo, marcando um ponto de inflexão na resistência brasileira.

O insucesso das tropas francesas no embate de 15 de maio teve impacto significativo e não apenas reforçou a posição brasileira na disputa territorial, mas também galvanizou a população local, consolidando o apoio à causa nacionalista e à liderança de Cabralzinho. Esse evento demonstrou a capacidade de resistência local e a determinação dos habitantes em defender a soberania brasileira.

Após o confronto, Veiga Cabral tornou-se uma figura ainda mais importante, sendo reconhecido pelo povo brasileiro, inclusive pelo governo, como defensor da pátria e símbolo da luta pela integridade territorial do Brasil, sendo ainda, condecorado pelo governo federal como general honorário do Exército brasileiro (Sarney; Costa, 1999). Sua liderança foi crucial para manter a moral das forças locais e para a continuação da resistência até a resolução do conflito pela via diplomática.

A atuação de Cabralzinho, combinada com a diplomacia habilidosa do Barão do Rio Branco, eventualmente levou à decisão favorável no processo de arbitragem internacional. Assim, foi possível primeiramente destravar as negociações de um conflito que perdurou por séculos. E ainda, com o apontamento da tese brasileira, foi possível provar que o Rio Oiapoque era o mesmo Rio *Vicent Pinzón*, derrubando a contestação francesa de que o rio principal que definia os limites

do território contestado era o Rio Araguari (Barão do Rio Branco, 2008).

Assim, no início do século XX, a necessidade de uma solução definitiva levou ambos os países a submeterem a questão à arbitragem internacional. Em 1900, o governo brasileiro, representado pelo Barão do Rio Branco, e o governo francês, chegaram a um acordo para submeter a disputa ao Conselho Federal Suíço, a qual tomou decisão em favor do Brasil em 1º de dezembro de 1900. Essa decisão foi um marco na história diplomática brasileira, consolidando o domínio brasileiro sobre a área contestada e marcando o fim formal do conflito.

Com isso, o conflito teve implicações significativas para as populações locais. A região, habitada por comunidades indígenas, quilombolas, e pessoas em situações adversas, tais como, fugitivos, aventureiros, garimpeiros, entre outros, passou por algumas transformações principalmente com a intensificação da exploração econômica local. Todavia, o Poder público não conseguiu atingir de modo satisfatório o povo daquela região, sendo logo levados ao descaso e abandono de ações governamentais, como outrora fora comum na região. Por isso, cabe destacar que a integração dessa área ao Brasil trouxe novos desafios e oportunidades, reconfigurando as dinâmicas sociais e econômicas da região.

Por fim, é essencial considerar o legado do Contestado Franco-brasileiro na historiografia da região do Amapá como um todo, pois a consolidação da fronteira não apenas marcou o fim de uma disputa territorial, mas também simbolizou a afirmação da soberania brasileira na Amazônia (Cardoso, 2008).

A escola como agente de cultura histórica local no município de Amapá/AP

No município de Amapá, as escolas desempenham um papel central na construção da memória coletiva sobre Veiga Cabral, conhecido popularmente como Cabralzinho. Desde as séries iniciais, os conteúdos de história local apresentam Cabralzinho como figura central do passado regional, destacando sua liderança no episódio do Contestado Franco-brasileiro e sua atuação em defesa do território, assim esse protagonismo é reforçado nas salas de aula e atividades escolares, criando, ao longo dos anos, uma imagem consolidada de “herói” e “defensor da identidade” amapaense.

A presença constante de Cabralzinho nos currículos e materiais escolares não é acidental, pois ela resulta das escolhas institucionais, principalmente por meio de seus docentes, que priorizam personagens e episódios considerados fundamentais para a formação de valores e do sentimento de pertencimento local. Como destaca Jörn Rüsen (2001), a escola funciona como mediadora da cultura histórica, promovendo interpretações sobre o passado que dialogam com as necessidades do presente. Nesse contexto, Cabralzinho surge não apenas como personagem, mas como símbolo de

coragem, resistência e identidade, favorecendo a criação de uma memória comum entre gerações de estudantes (Silva, 2023).

Além do currículo, as escolas reproduzem e atualizam a memória de Cabralzinho em eventos comemorativos, produção de murais, projetos pedagógicos, concursos de redação e atividades diversas, que vão além da simples transmissão de informações, pois promovem a participação ativa dos alunos na reelaboração de narrativas históricas, o que reforça a posição de Cabralzinho como referência positiva e estimula o orgulho local. Assim, o contato frequente com a história e as narrativas heroicas atribuídas à Veiga Cabral em atividades escolares contribui para que sua imagem se torne familiar e naturalizada no imaginário coletivo dos jovens do município.

Por outro lado, a centralidade dessa figura na educação formal pode resultar em uma narrativa pouco crítica e pouco aberta a outras interpretações, o que dificulta o empenho de espaços para problematizar aspectos controversos de sua trajetória ou discutir as múltiplas vozes envolvidas no processo histórico, o que sugere que a escola pode tanto contribuir para a valorização da história local quanto limitar o debate, ao privilegiar uma versão institucional e oficial de heroísmo como consenso entre a comunidade.

Por isso, além das práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas do município de Amapá/AP, é preciso reconhecer que o recurso às narrativas históricas tem desempenhado papel estratégico no fortalecimento da identidade do povo amapaense tanto no contexto local quanto estadual. Pois, ao longo da história recente, diferentes agentes sociais, como atores políticos, educadores, movimentos culturais e lideranças da sociedade civil, recorreram à evocação de personagens considerados importantes, acontecimentos históricos ou símbolos regionais para legitimar seus projetos políticos, valorizar tradições ou consolidar sentimentos de pertencimento. Assim, a construção da imagem de Veiga Cabral como herói, nesse sentido, é apenas um dos exemplos mais visíveis de um processo mais amplo, no qual memórias selecionadas ganham centralidade nas celebrações públicas, nos currículos escolares e nas manifestações socioculturais.

O que ocorre há décadas na região, pois de acordo com registros encontrados no Diário Oficial do ex-Território Federal do Amapá (TFA), desde os anos de 1970, pôde-se identificar referências heroicas atribuídas ao “[...] feito histórico de Francisco Xavier da Veiga Cabral [...]”². E apesar dessa data ser anualmente celebrada e guardada como ponto facultativo pela prefeitura de Amapá/AP, mais tarde viria ser desdobrado em todo estado por meio da lei estadual nº 2.213, de 11 de julho de 2017, a qual instituiu o dia 15 de maio como feriado estadual, “Dia de Cabralzinho”.

Então, para o estado do Amapá com uma formação política bem recente e a necessidade de

²Decreto nº 1151, de 14 de maio de 1970, publicado no Diário Oficial do ex-Território Federal do Amapá (TFA).

criar uma identidade original, a funcionalidade dessas narrativas ultrapassa a mera retomada de fatos do passado, pois ela opera como um instrumento de coesão social e de construção de identidade, especialmente em uma região que, historicamente, buscou afirmar sua autonomia em relação a outros estados e à própria identidade nessa vasta região da Amazônia brasileira, que por meio de suas histórias, o povo do atual Estado do Amapá encontra referências para se reconhecer como comunidade única, com valores, experiências e desafios próprios de ser amapaense.

Por isso, a presença reiterada da figura de Cabralzinho nas práticas escolares e comemorativas do município de Amapá/AP não é um fenômeno isolado, tampouco neutro do ponto de vista político-pedagógico. Trata-se sobretudo das influências de um período da ditadura civil-militar no Brasil, que favoreceu a constituição de narrativas dominantes e com isso o silenciamento de outras vozes que ficaram marginalizadas. Como argumenta Bittencourt (2004), a escola, ao selecionar determinados conteúdos, cumpre o papel de legitimar memórias oficiais, atribuindo centralidade às figuras e eventos que se alinham ao projeto de construção nacional do Estado.

Assim, durante o período da ditadura civil-militar, a chamada educação tecnicista mudou os objetivos das escolas no Brasil. O foco passou a ser ensinar e manter a ordem na sociedade, além disso, as escolas reforçaram seu papel de transmitir valores considerados patrióticos e de disciplina. Com isso, o ensino de História ficou ainda mais direcionado, a qual os conteúdos valorizavam principalmente personagens ligados às elites políticas e militares, deixando de lado o protagonismo e histórias de grupos populares, indígenas e negros, que também fazem parte da riqueza social do país (Saviani, 2024)

Desse modo, ao se fortalecer símbolos como Cabralzinho, tais comemorações, atividades públicas e práticas escolares ajudam a consolidar um sentimento coletivo de orgulho, resistência e superação. No entanto, essas decisões também trazem o desafio de permitir a pluralidade de vozes e a necessidade de análise crítica das versões predominantes, possibilitando que a identidade amapaense seja continuamente ajustada e negociada de acordo com as demandas e realidades atuais.

No cotidiano escolar, é comum que projetos pedagógicos sejam organizados em torno de datas comemorativas associadas à Veiga Cabral, como as comemorações alusivas ao Dia de Cabralzinho, em 15 de maio, data do embate de guerra entre moradores locais e tropas francesas no Contestado. Nessas ocasiões, as escolas promovem desfiles cívicos, gincanas, apresentações teatrais e concursos de redação, onde os estudantes são convidados a interpretar personagens históricos, declamar poesias, criar murais ou expor trabalhos que destacam o papel de Cabralzinho na história do município.

A produção de murais é outra estratégia frequentemente adotada. Professores orientam os alunos a pesquisar imagens, fatos e depoimentos, organizando painéis expositivos que ficam

disponíveis para toda a comunidade escolar prestigiar. Esses murais apresentam, de modo visual e acessível, episódios da vida de Cabralzinho, suas características pessoais e feitos atribuídos a ele, como a liderança e a defesa do território. O objetivo é tornar a história local mais concreta e próxima dos estudantes.

Os desfiles cívicos durante comemorações de 7 de setembro e o aniversário da cidade no mês de outubro, também ocupam lugar de destaque, pois, os estudantes marcham pelas ruas portando bandeiras, faixas e cartazes, celebrando (inclusive), a memória de Cabralzinho diante da população. Esses eventos reforçam o vínculo entre escola e comunidade, mostrando como a narrativa construída nas salas de aula excede os muros da escola e se insere no espaço público.

Nesse contexto de atividades escolares que ajudam a fomentar as narrativas sobre esse personagem histórico, duas iniciativas se destacam como exemplos de como as escolas contribuem diretamente para a ressignificação da figura histórica de Veiga Cabral: A edição do Projeto Marabaixo nas Escolas (com a participação de alunos e professores da Escola Estadual Maria Esmeralda), e as atividades pedagógicas que incentivaram a elaboração em sala de aula de revistas *fanzines*³, coordenadas pela professora Maria Pacheco junto aos seus alunos da Escola Estadual Vidal de Negreiros, ambas do município de Amapá/AP

No Projeto Marabaixo nas Escolas, ocorrido em 2024, a Escola Estadual Maria Esmeralda levou como proposta ao evento, o tema sobre o episódio do Contestado Franco-brasileiro e o papel de Cabralzinho nesses acontecimentos. Na apresentação da escola, por exemplo, a narrativa histórica foi representada por meio da dança e o Ladrão de Marabaixo (letra), intitulada: “Andanças Francesas na Área do Contestado”, dos compositores João Ataíde e Annie Katiúscia Benoit, conforme figura 2, ainda teve coreografia que destacou o confronto entre Cabralzinho e o capitão Lunier, retratado um momento crucial de bravura e resistência local liderados pelo personagem histórico de Amapá/AP. Essa atividade não apenas envolveu os estudantes em uma performance artística, mas promoveu uma experiência direta com uma narrativa histórica que exalta o heroísmo local, fortalecendo a identidade e a memória coletiva em torno de Cabralzinho.

A utilização de práticas culturais como o Marabaixo para ensinar história nas escolas pode ser analisada ao que propõe Rüsen (2001), que defende a importância das narrativas históricas na construção da consciência histórica, pois de acordo com o autor, experiências pedagógicas, por exemplo, que integram expressões culturais locais às narrativas históricas possibilitam uma conexão

³Fanzines são publicações independentes, geralmente artesanais ou digitais, produzidas por admiradores de determinado tema, com o propósito de divulgar ideias, expressões culturais e posicionamentos críticos fora dos circuitos da mídia comercial sem restrição de faixa etária, sendo, inclusive, difundido como recurso educacional pela comunidade escolar. Representam um espaço de liberdade criativa e de construção coletiva de identidades e memórias sociais.

emocional dos alunos com o passado, contribuindo para uma compreensão mais significativa dos eventos históricos e sua adesão às narrativas oficiais.

Figura 2 — Grupo de alunos participando do projeto “Marabaixo nas Escolas” em 2024



Fonte: Acervo pessoal prof.^a Annie Katiúscia Benoit, 2024

Outra atividade relevante foi o desenvolvimento das revistas *fanzines* coordenadas pela professora Maria Pacheco, em que os estudantes produziram materiais gráficos com escrita, recortes e colagem artesanal, que abordaram aspectos da história local, especialmente relacionados à figura de Cabralzinho e ao Contestado Franco-brasileiro.

Conforme pode-se observar na figura 3, a seguir, os *fanzines* permitiram que os alunos expressassem, de maneira criativa e autoral, suas percepções sobre o passado histórico do município, resultando em uma apropriação ativa e crítica das narrativas oficiais.

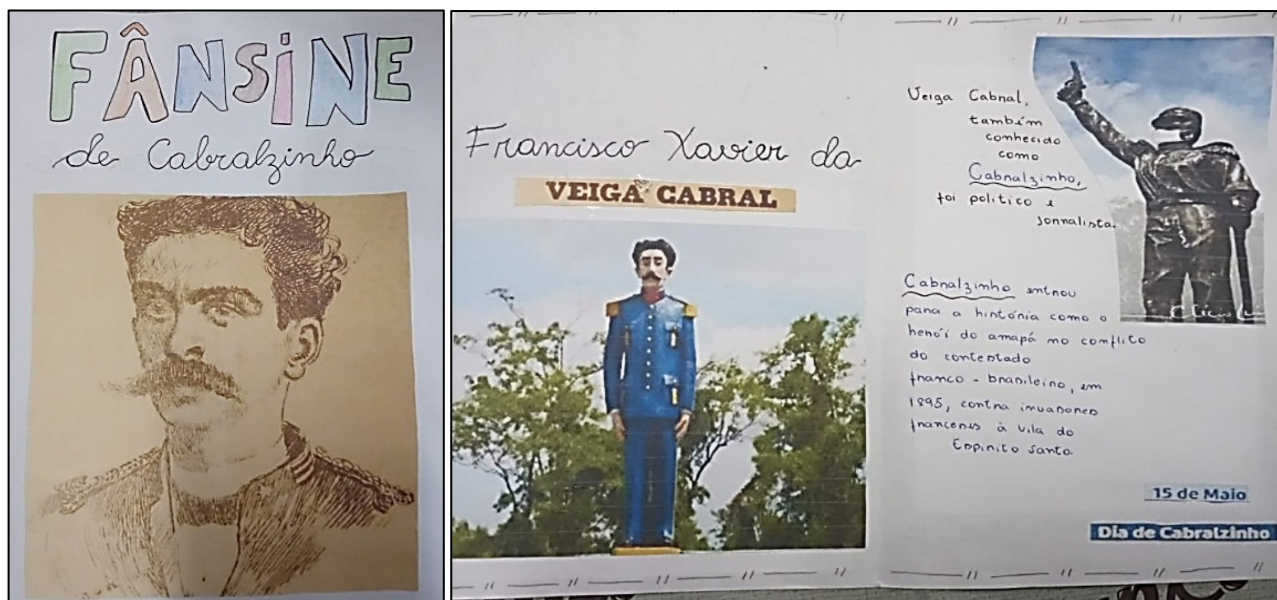
Essas revistas são um exemplo prático do conceito apresentado por José Murilo de Carvalho (2009), que destaca como símbolos e narrativas históricas são fundamentais para consolidar identidades coletivas. Os *fanzines* proporcionaram aos alunos a oportunidade de reinterpretar esses símbolos e narrativas, contribuindo para o fortalecimento e a transformação das identidades locais.

Ambas as atividades revelam como as escolas de Amapá/AP não apenas reproduzem, mas também ressignificam a figura de Cabralzinho por meio de práticas pedagógicas que envolvem ativamente os alunos, e tais iniciativas demonstram que o ensino formal pode desempenhar um papel dinâmico e crítico na construção e reconstrução contínua da memória local.

Assim, o ensino formal nas escolas de Amapá/AP exerce influência direta na formação das identidades dos estudantes e na maneira como compreendem a sua história, pois ao colocarem Cabralzinho como figura central, os conteúdos curriculares e as práticas pedagógicas criam um ambiente em que os alunos aprendem não só sobre fatos do passado, mas também sobre valores,

pertencimento e cidadania.

Figura 3—Revista Fanzine elaborada por alunos da Escola Vidal de Negreiros em Amapá/AP



Fonte: Acervo pessoal prof.^a Maria Pacheco, 2024

Então, desde as séries iniciais, o contato dos estudantes com a história de Cabralzinho ocorre por meio de aulas expositivas, leituras orientadas e, principalmente, por atividades práticas que mobilizam a comunidade escolar. Gincanas, apresentações teatrais, produção de murais e desfiles cívicos são ações recorrentes, especialmente próximas ao dia 15 de maio, quando se celebra o combate do Contestado Franco-brasileiro. Nesses eventos, os estudantes não apenas reproduzem informações, mas se envolvem emocionalmente com as narrativas apresentadas.

A repetição dessas práticas, ano após ano, contribui para consolidar Cabralzinho como referência positiva no imaginário dos jovens. Muitos alunos, ao participar dessas atividades, passam a associar a figura do herói à própria identidade local, sentindo-se parte de uma coletividade que valoriza coragem, liderança e compromisso com a defesa do território. Assim, a memória de Cabralzinho se mistura ao sentimento de pertencimento à cidade e à escola. Por outro lado, nem todos os estudantes vivenciam esse processo da mesma forma. Há quem questione a ausência de outros personagens, a falta de debate sobre aspectos mais complexos da história ou mesmo a repetição acrítica de certos valores. Esses movimentos, embora minoritários, indicam que a construção da consciência histórica é dinâmica e pode incluir tensionamentos e resistências.

A centralidade da figura de Cabralzinho nas práticas escolares revela tanto a força da narrativa oficial quanto os limites do ensino de História em contextos locais. Enquanto parte dos estudantes se reconhece nas representações produzidas pela escola, outros percebem lacunas e

buscam caminhos para ampliar o debate e isso mostra que o processo de formação da consciência histórica é coletivo, mas também aberto à contestação dos sentidos sobre o passado.

Segundo Cerri (2011), a consciência histórica não é apenas uma capacidade intelectual de entender acontecimentos do passado, mas um fenômeno humano essencial à constituição das identidades individuais e coletivas. Para o autor, pode ser definido como “[...] uma das estruturas do pensamento humano, o qual coloca em movimento a definição da identidade coletiva e pessoal, a memória e a imperiosidade de agir no mundo em que se está inserido” (Ibidem, p. 13). Ela envolve a articulação entre as experiências passadas, as demandas do presente e as projeções para o futuro. Assim, o ensino de história torna-se fundamental na sociedade contemporânea, pois ajuda os indivíduos e grupos a atribuir sentido à sua existência, situando-se na linha do tempo e respondendo às perguntas sobre quem são, de onde vêm e para onde querem ir.

Ressalta ainda que, a formação da consciência histórica é impactada pelas disputas de poder, pelas escolhas curriculares e pelas demandas sociais do presente. O conhecimento histórico mobilizado na escola não é neutro: serve a projetos de sociedade, legitimando ou questionando identidades, discursos e tradições. Portanto, os limites do ensino de história são, ao mesmo tempo, desafios e possibilidades: cabe ao professor atuar como mediador crítico, capaz de tensionar as versões predominantes e de fomentar a pluralidade de vozes e de usos sociais do passado.

Educação não-formal e a construção coletiva da memória sobre Cabralzinho em Amapá/AP

Em Amapá/AP, a educação não-formal exerce um papel fundamental na manutenção e ressignificação da memória coletiva sobre Veiga Cabral. Eventos públicos, celebrações cívicas e manifestações culturais não apenas relembram episódios do passado, mas atualizam sentidos e reforçam vínculos de pertencimento entre os moradores do município (Silva, 2023).

Em meio a esse processo, é fundamental compreender como diferentes formas de educação se articulam e se complementam na formação dos sujeitos sociais e na construção de identidades coletivas em Amapá/AP. Segundo Gohn (2006, p. 28), a educação formal é “aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados” e ocorre em espaços institucionalizados, regulamentados por leis e normas, tendo como educadores os professores, com objetivos definidos como a certificação e o desenvolvimento de competências para a cidadania e o trabalho.

Quanto à educação informal é aquela que se dá “durante o processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados” (Gohn, 2006, p. 28), sendo protagonizada por familiares, amigos, vizinhos e membros da comunidade, sem sistematização de conteúdos ou espaços pré-definidos. Por fim, a educação não-formal caracteriza-se por ser aprendida “no mundo da vida, via processos de

compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas”, onde o educador é “o outro”, aquele com quem se interage ou se integra, e os espaços educativos são os territórios percorridos ao longo da trajetória dos indivíduos e grupos, em situações intencionais de aprendizagem e construção coletiva de saberes (Ibidem, p. 28-29).

Essas distinções são essenciais para compreender como, para além do espaço escolar, a memória de Cabralzinho é mantida viva em Amapá/AP por meio de práticas sociais, celebrações comunitárias, festas populares e ações de participação social, que mobilizam conhecimentos, valores e identidades não apenas de forma institucionalizada, mas também em ambientes abertos, participativos e dinâmicos.

A realização anual de atividades culturais, como a “Corrida de Cabralzinho” (com sua primeira edição em 2025), e as celebrações locais da festividade do “Dia de Cabralzinho” (que ocorre há décadas), ilustram, por exemplo, como as práticas coletivas mobilizam diferentes gerações em torno de um mesmo símbolo. Conforme destaca a figura 4, a presença militar e a comunidade local nos desfiles oficiais, celebram não apenas o feito histórico e narrativas heroicas atribuídas à Veiga Cabral durante o 15 de maio, mas a própria identidade amapaense, especificamente, dos munícipes de Amapá/AP.

Figura 4 — Desfile do Exército brasileiro e comunidade local no município de Amapá/AP



Fonte: Acervo pessoal Jonathan Viana da Silva, 2024

Assim, esses eventos vão além do simples registro do passado, pois transformam a memória em experiência vivida, criando espaços de encontro entre tradição e contemporaneidade, assim, as atividades oficiais desenvolvidas dentro do cronograma oficial em alusão às comemorações em 15 de maio (Dia de Cabralzinho), com a presença de autoridades, estudantes, professores, representantes da sociedade civil, exército brasileiro, convidados externos, turistas e famílias, compõe um cenário de partilha simbólica.

Além disso, funciona como verdadeiro mecanismo de reforço e reconstrução da memória coletiva, tal como analisado por Pierre Nora (1993), ao tratar dos “lugares de memória”. Segundo o autor, esses lugares não se limitam a espaços físicos, mas articulam-se como unidades simbólicas e funcionais, marcadas tanto pelo valor material quanto pelo papel que desempenham na construção de sentidos coletivos. No contexto amapaense, a atual praça que foi palco do embate de guerra em 1895, os espaços de celebração e as ruas do percurso da corrida são exemplos concretos dessa categoria, ou seja, são cenários recorrentes das festividades, investidos de significado histórico e afetivo pela comunidade ao longo do tempo.

Como destaca Nora, possui múltiplos atributos: físico, simbólico e funcional. Então, nas comemorações alusivas a Cabralzinho, o espaço material, nesse caso, a praça onde ocorrem as cerimônias, os monumentos e símbolos visíveis, ganham projeção simbólica por meio dos rituais, discursos e representações que atualizam o passado em sua contemporaneidade. Então, ao reunir diferentes gerações nesses espaços, os eventos reforçam a memória coletiva e forjam uma identidade local que se alimenta da repetição ritual e do reconhecimento público. Assim, a cada nova celebração, cada gesto e palavra proferidos durante as comemorações, reatualiza o sentido do lugar, transformando-o, progressivamente, em patrimônio amapaense.

Desse modo, nessas ocasiões, a figura de Cabralzinho é reiterada como herói local, seja em discursos, nas medalhas entregues aos participantes, nos trajes utilizados, ou nas falas que evocam a coragem e resistência desse personagem. Essa repetição ritualística tem um efeito pedagógico e objetiva, principalmente, integrar adultos e crianças na celebração, onde a narrativa heroica é naturalizada e transmitida entre as gerações, consolidando-se como parte do imaginário social do município.

Por isso, a participação ativa da comunidade é elemento central nesses processos, tendo em vista seus diferentes atores sociais: das lideranças políticas aos moradores mais antigos, encontram nesses eventos oportunidades para reafirmar laços de pertencimento e projetar valores coletivos. Como destaca Carvalho (2009), a construção de heróis nacionais (ou regionais, como é o caso de Cabralzinho), depende da circulação pública de símbolos, ritos e discursos, que oferecem sentido às trajetórias individuais e coletivas, partilhando, assim, um mesmo sentimento de reconhecimento. Nessa perspectiva, Joel Candau (2011, p. 9), aponta um aspecto fundamental dessa discussão, ao afirmar que “[...] a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado[...]”, assim, observa que ela, longe de ser um simples depósito de lembranças, é também um fator de identidade, pois a partilha de memórias cria referências comuns e contribui para a coesão do grupo.

Ao mesmo tempo, os eventos voltados às celebrações do Dia de Cabralzinho, promovem experiências de partilha e reconstrução de memórias, o que é mais evidente no município de Amapá/AP ao se comparar com as manifestações culturais de outros municípios, tais como relatos orais, atividades teatrais, declamação de poemas, canções, discursos e homenagens. Todas são formas por meio das quais diferentes gerações dialogam, negociam sentidos e, por vezes, reproduzem (ou às vezes contestam), as versões oficiais.

Por outro lado, Halbwachs (1990) destaca que a memória coletiva não é estática, ela se reinventa na interação entre indivíduos e grupos, especialmente em contextos de celebração pública, assim, no caso das comemorações em torno de Cabralzinho em Amapá, essa dinâmica é evidente, pois cada cerimônia, desfile,

corrida ou homenagem não apenas recorda o passado, mas adapta e reinterpreta símbolos, discursos e referências de acordo com as necessidades e expectativas do presente. Por isso, a memória coletiva sobre Cabralzinho é permanentemente atualizada, integrando novas gerações à tradição local e permitindo que a comunidade ressignifique e interprete a atuação dessa figura histórica como um herói conforme as circunstâncias históricas e sociais (inclusive políticas). Dessa forma, nesse processo, os eventos públicos atuam como verdadeiros espaços de negociação da memória, nos quais se equilibram continuidade e transformação, permitindo à coletividade reafirmar sua identidade e cristalizar suas memórias.

Eventos públicos como educação não-formal às comemorações alusivas à Cabralzinho

As práticas e celebrações relacionadas à figura de Cabralzinho, realizadas fora do ambiente escolar, são elementos-chave para compreender como a educação não-formal atua no meio social do município de Amapá/AP, pois tais eventos, ao extrapolarem o espaço educativo tradicional, tornam-se pontes entre passado e presente, promovendo o encontro entre história, memória e a experiência cotidiana.

Vale ainda destacar, que as diferentes manifestações, como a Corrida de Cabralzinho, o Dia de Cabralzinho, apresentações culturais e homenagens públicas, permitem que moradores de distintas idades e origens participem ativamente da atualização das narrativas sobre o herói local. Cada prática ritualizada, seja um desfile, uma fala pública ou uma encenação teatral, converte o passado em referência viva, criando oportunidades para que memórias individuais e coletivas se cruzem e se renovem. Esses momentos reforçam o sentimento de pertencimento, ao mesmo tempo em que conferem à história local um papel central na identidade dos participantes.

No entanto, a transmissão dessas narrativas não se dá de forma unívoca ou imutável. A circulação dos relatos sobre Cabralzinho revela a existência de múltiplas percepções e apropriações, marcadas por tensões, disputas e negociações de sentido, por isso, para alguns moradores, o herói personifica ideais de bravura e liderança, sendo celebrado como referência de união e resistência, mas para outros, aspectos menos glorificados, tais como as narrativas de heroísmo atribuídas somente à Veiga Cabral ou questões silenciadas também vêm à tona, de modo a questionar ou refutar todas as narrativas heroicas atribuídas somente a um personagem histórico, sinalizando que a memória coletiva, como destaca Halbwachs (1990), é resultado de um processo dinâmico, marcado pela interação entre grupos, contextos e interesses diversos.

Nesse cenário, a análise de Carvalho (2009) é especialmente útil, pois ao discutir a construção dos heróis e dos símbolos nacionais, Carvalho mostra que festas, homenagens e rituais públicos não apenas reforçam consensos, mas também funcionam como arenas onde diferentes versões da história disputam espaço. Jacques Le Goff (1990) contribui para esse debate ao tratar de “batalhas” de memória, enfatizando que as celebrações públicas são, muitas vezes, terreno fértil para a confrontação entre lembranças oficiais e memórias alternativas.

Dessa forma, os eventos públicos sobre Cabralzinho exemplificam como a educação não-formal amplia o repertório de experiências históricas disponíveis à comunidade, permitindo tanto a reprodução de narrativas dominantes quanto a emergência de olhares críticos e novos sentidos, contudo, o que está em jogo

nessas práticas é menos a fixação de uma versão única do passado, e mais o permanente trabalho coletivo de dar significado à história vivida e partilhada.

A Corrida de Cabralzinho como espetáculo de história e pertencimento

A Corrida de Cabralzinho, realizada anualmente no município de Amapá/AP, é mais um evento que ocupa um lugar central entre os eventos que reforçam o vínculo entre história, memória e identidade local. Distinta das comemorações tradicionais, essa corrida agrega elementos de celebração cívica, valorização da imagem de Veiga Cabral e informações de atualização simbólica do passado, funcionando como um verdadeiro espetáculo de pertencimento e envolvimento de seu personagem histórico a partir de elementos que reforçam sua presença constante (conforme demonstra a figura 5).

Figura 5 — Medalhas, troféus e participantes da corrida de Cabralzinho em Amapá/AP



Fonte: Acervo pessoal Jonathan Viana da Silva, 2025

Do ponto de vista institucional, a Corrida de Cabralzinho é cuidadosamente planejada pelo Poder público, com o envolvimento direto da prefeitura, secretarias municipais, lideranças comunitárias e o governo estadual. Em seu percurso geralmente inclui ruas e praças marcantes da cidade, fazendo com que os participantes percorram espaços que, de algum modo, dialogam com episódios da história local, assim, esse evento costuma ser precedido por discursos oficiais, pois ocorre no ponto alto da festividade (Dia de Cabralzinho, em 15 de maio), nos quais autoridades evocam a memória de Veiga Cabral, destacando sua coragem, sua luta em defesa do território e a necessidade de manter vivas essas referências para as novas gerações (Silva, 2021). Com isso, a participação é diversa, com crianças (simbolicamente), jovens, adultos e idosos se unem, seja como atletas, espectadores ou apoiadores, revelando o caráter inclusivo e coletivo da iniciativa.

A realização da corrida vai além do aspecto esportivo. Ela se converte em performance

pública da memória heroica, na qual o corpo em movimento se torna instrumento de evocação e reafirmação de valores. Nesse sentido, Halbwachs (1990) contribui para compreender como a memória coletiva se constrói na ação compartilhada, em práticas cotidianas e rituais que envolvem diferentes gerações. Pois ao correr, os participantes não apenas executam um gesto físico, mas também reatualizam a narrativa que sugere resistência e superação atribuída a Cabralzinho, onde cada passo dado durante o evento remete, simbolicamente, à trajetória do herói local, ao esforço coletivo pela defesa das terras amapaenses.

O aspecto ritual da corrida também é digno de destaque. Conforme fora apontado antes, segundo Nora (1984; 1993), certas práticas sociais se transformam em lugares de memória, cristalizando no espaço urbano marcos de referência para a identidade coletiva, os espaços carregados de memória. A Corrida de Cabralzinho, ao se repetir anualmente, converte ruas e praças em cenários de rememoração, tornando a paisagem da cidade parte do repertório simbólico dos moradores. Esse ritual público reforça o elo entre território, história e identidade, atualizando o passado na experiência concreta do presente.

Por isso, a experiência vivida na Corrida de Cabralzinho não se restringe aos participantes diretos, mas sim, mobiliza toda a comunidade, seja pelo envolvimento nas preparações, pelo incentivo aos atletas ou pela participação nas homenagens. Esse engajamento coletivo contribui para a construção de um sentimento de “nós”, no qual a memória desse personagem histórico se apresenta como um patrimônio comum entre seus pares.

Dia de Cabralzinho: Cerimônia, narrativa e identidade local

O Dia de Cabralzinho, celebrado anualmente em Amapá/AP, representa um dos pontos altos do calendário de comemorações local, pois essa cerimônia mobiliza diferentes setores da sociedade, promovendo não apenas a rememoração de um episódio histórico, mas também a renovação de laços comunitários e a afirmação da identidade local. O caráter oficial e popular do evento é evidente na presença de autoridades políticas, educadores, alunos, representantes de associações, sociedade civil e familiares, além da ampla cobertura midiática regional que fomenta o prestígio por parte de moradores da região entorno e turistas de outros municípios e estados vizinhos.

A dinâmica da comemoração revela sua força simbólica, pois ao longo do dia, uma série de rituais comumente ocorrem, tais como, atos cívicos, desfiles, discursos, apresentações culturais e homenagens, que são cuidadosamente planejados para ressaltar a trajetória de Cabralzinho como exemplo de coragem, liderança e dedicação ao coletivo da cidade. Conforme a figura 6, os discursos oficiais, por exemplo, são sempre presentes, pois ocupam papel central na construção e reafirmação dessa narrativa heroica. Palavras como “defensor do território”, “símbolo de resistência” e “orgulho

de nossa gente” circulam nos microfones e são reproduzidas nos veículos de comunicação, reforçando valores e sentimentos de pertencimento constantemente.

Figura 6 — Autoridades discursando no Dia de Cabralzinho no município de Amapá/AP



Fonte: Acervo pessoal Jonathan Viana da Silva, 2022

O evento não se limita à dimensão institucional, tendo em vista que a comunidade participa ativamente, seja na preparação das celebrações ou no envolvimento espontâneo durante as festividades. Crianças e jovens vestem-se com trajes alusivos e camisas personalizadas, escolas e grupos culturais se apresentam e desfilam ao som da banda marcial do exército brasileiro; declamação de poesias/poemas (conforme oferta da programação oficial), e encenações que evocam a memória de 15 de maio de 1895, quando Cabralzinho protagonizou o embate que marcou a história de toda a região contestada. Nesse contexto, a cerimônia não apenas transmite conhecimento histórico, mas insiste que as novas gerações experimentem (mesmo que de forma indireta) e atualizem sentidos atribuídos ao passado.

Assim, o Dia de Cabralzinho, ao articular tradição e participação popular, exemplifica um processo que reforça e impõe a narrativa de um herói como elemento agregador da comunidade, inclusive como seu principal símbolo cultural, ao mesmo tempo em que se constroem e renovam identidades.

Outro aspecto relevante é o modo como o evento atua como ferramenta de valorização local. Ao projetar Cabralzinho como referência de bravura e compromisso, a cerimônia potencializa o orgulho dos moradores e fortalece o sentimento de pertencimento à história do município. Contudo,

é importante reconhecer que, embora o evento tenda a produzir consenso em torno da figura de Cabralzinho, ele também pode ser espaço de disputas e renegociações simbólicas, pois a desconstrução historiográfica da figura de Veiga Cabral quanto as suas pretensões de interesses econômicos particulares na região, permite que vozes dissonantes da comunidade e região, questionem os aspectos pouco debatidos da trajetória do herói ou reivindiquem outras formas de lembrar o passado, contudo, essas tensões, longe de enfraquecer a celebração, revelam a força da memória coletiva, que se reinventa a partir das experiências e necessidades do presente.

Assim, cabe salientar que essas vozes discordantes em Amapá/AP, são constituídas por sujeitos e grupos sociais que, de algum modo, não se reconhecem plenamente nos discursos celebratórios, ou que têm experiências e interesses que foram silenciados ou distorcidos nos processos de consagração da memória oficial ao longo de sua história. Neste sentido é possível mencionar, alguns pesquisadores críticos que buscam romper com o modelo do “herói fundador”, propondo leituras mais plurais, críticas e problematizadoras sobre a história local; por outro lado, agentes locais que questionam a centralidade de Cabralzinho enquanto símbolo máximo da identidade amapaense; e posições atuais de mulheres que, comumente, foram ou são silenciadas ou vistas como coadjuvantes nas versões oficiais dos eventos históricos.

Esses personagens trazem consigo a problematização dos usos políticos e educativos da memória, apontando para o risco de se criar uma identidade local “uniformizada”, construída sobre o silenciamento das contradições, das disputas e dos conflitos que efetivamente marcaram a trajetória do município, o que segue em oposição à monumentalização de Cabralzinho como único representante da luta contra a dominação estrangeira, destacando que o processo de resistência envolveu uma multiplicidade de sujeitos históricos, que foram apagados da memória oficial.

Considerações Finais

A análise das práticas educativas formais e não-formais no município de Amapá/AP desvela como a figura de Cabralzinho foi continuamente ressignificada ao longo do tempo, tornando-se central na construção da memória coletiva e na formação da identidade local. O estudo evidenciou que, tanto nas escolas quanto nos eventos comunitários, a narrativa heroica atribuída a Veiga Cabral não apenas é transmitida, mas também atualizada, negociada e, inclusive, contestada por diferentes atores sociais.

No âmbito escolar, a presença constante de Veiga Cabral nos currículos, projetos pedagógicos e atividades comemorativas mostra o papel ativo da educação formal na naturalização de certos símbolos e versões históricas oficializados por discursos políticos com interesses particulares. O envolvimento de professores, alunos, gestores e o apoio da comunidade em geral

contribui para consolidar o personagem como referência positiva e para fortalecer valores como pertencimento, orgulho e cidadania, além de ajudar a construir uma identidade local própria do município de Amapá/AP e a cristalizar memórias que perpassam entre gerações.

Por outro lado, os eventos públicos e as celebrações não-formais, como a Corrida de Cabralzinho e o Dia de Cabralzinho (em 15 de maio), ampliam o alcance e inclusive, potencializam essas narrativas, transformando o passado em experiência vivida e coletiva. Essas práticas envolvem a comunidade em rituais que reafirmam laços de pertencimento e possibilitam a partilha de sentidos, ao mesmo tempo em que permitem o surgimento de novas leituras (interpretações e ressignificações) e apropriações do legado do “herói” local.

A pesquisa também permite refletir os possíveis limites dessas construções, a qual se destaca que a centralidade de Cabralzinho pode silenciar outras experiências e protagonistas da história de Amapá/AP, além de limitar o debate crítico sobre o passado. Ainda assim, a dinâmica da memória coletiva é marcada pela pluralidade e pela capacidade de adaptação diante dos desafios contemporâneos presentes na comunidade.

Conclui-se que a ressignificação de Cabralzinho no município de Amapá/AP é fruto de um processo coletivo, que envolve disputas diárias, consensos entre seus pares e renegociações simbólicas. A combinação entre educação formal e não-formal é fundamental para a permanência e transformação da narrativa histórica (e de heroísmo), reafirmando o papel ativo da comunidade na elaboração do sentido de pertencimento e na construção da identidade local.

Por fim, o estudo contribui para ampliar o entendimento sobre os mecanismos de produção e circulação da memória social em contextos regionais, como no caso de Amapá/AP, ressaltando a importância de uma abordagem crítica e plural na análise das formas de ensino, celebração e valorização dos personagens históricos.

Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: Fundamentos e métodos*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011

CARDOSO, Francinete. *Entre Conflitos, Negociações e Representações: O Contestado Franco-*

Brasileiro na Última Década do Século XIX. Belém: UNAMAZ E NAEA, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CERRI, Luís Fernando. *Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Rio de Janeiro, Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MEIRA, Silvio. *Fronteiras Sangrentas: Heróis do Amapá*. Rio de Janeiro, 1975

_____, Silvio. *Fronteiras Setentrionais: 3 séculos de lutas no Amapá*. Ed. da Universidade de São Paulo, 1989.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

_____, Pierre. *Les Lieux de Mémoire: La République*. Tomo I, Paris, Gallimard, 1984.

PAZ, Adalberto Junior Ferreira. *Repúblicas contestadas: liberdade, trabalho e disputas políticas na Amazônia do século XIX*. 2017. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

RAIOL, Osvaldino. *A Utopia da Terra: Na Fronteira da Amazônia: A Geopolítica e o Conflito pela Posse da Terra no Amapá*. Macapá: Editora Gráfica O DIA Ltda, 1992.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. Rio de Janeiro: Record, 1968

_____, Arthur Cezar Ferreira. *Território do Amapá: Perfil histórico*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

RIO BRANCO, Barão do. *Questões de limites: Guiana Francesa*. Brasília: Senado Federal, 2008 [1900].